

# SOMBRA DATEIA



Editora Penalux  
Guaratinguetá, 2016

Rubens Shirassu Júnior



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO  
França & Gorj

REVISÃO  
Mitsuski Rubens Shirassu

CAPA  
Rubens Shirassu Júnior

DIAGRAMAÇÃO  
Rubens Shirassu Júnior

FINALIZAÇÃO  
Ricardo Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

XXXX SHIRASSU JUNIOR, RUBENS. 1961 -  
SOMBRAS DA TEIA / RUBENS SHIRASSU JÚNIOR. -  
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2016.

266 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-xxxxx-xxx-x

I. XXXXXXXX. I. TÍTULO.

CDD B869.XX

---

Índices para catálogo sistemático:

I. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.  
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

“E, com os olhos errando de um ponto a outro, ele se esforçava por furar as sombras, atormentado pelo desejo e pelo medo de ver.”

A tímida luz do poste lhe iluminava agora a grande cabeça de cabelos brancos e ralos; o rosto achatado de uma palidez cadavérica, cheio de manchas azuladas. Era baixo, pescoço enorme, a barriga da perna e os calcanhares salientes, com braços compridos e mãos quadradas que batiam nos joelhos. E, imóvel como o poste, sem dar mostras de estar sofrendo com o vento, ele parecia de pedra, insensível à temperatura e ao bafo quente que batia em seus ouvidos. Depois de tossir, a garganta escoriada por um rascar profundo, escarrou para o lado do papelão e a calçada embranqueceu como cal.

O velho janota na falsa comunidade com a juventude. Seu cérebro velho não conseguira suportar a cachaça como os jovens robustos, miseravelmente bêbado. De olhar idiota, um cigarro entre os dedos trêmulos, mantendo com dificuldade o equilíbrio, vacila

no mesmo lugar, impelido pela bebedeira para a frente e para trás. Como teria caído no primeiro passo que desse, não se atrevia a sair do lugar, mostrando, no entanto, uma alegria lastimável, segurava pelo botão da camisa, cada um que se aproximasse dele, balbuciava, piscava, ria, erguia seu dedo indicador com anel, em brincadeira tola, e lambia os cantos da boca de maneira abominavelmente ambígua.

Um homem mais novo observou-o de cenho cerrado e novamente foi possuído de um sentimento de perturbação, como se o mundo mostrasse uma leve, porém, não detível, inclinação para se desfigurar em estranho e grotesco. Um sentimento, todavia, que as circunstâncias o impediram de analisar, porque neste momento a atividade pateante das viaturas policiais trouxe a sensação de um dique obstruir a correnteza de sua viagem interrompida tão próxima do seu destino, passando pelo Canal de Suez...

Uma adolescente magra o olhou para, em seguida, examinar a nódoa no chão.

- Há muito tempo que você fuma com a latinha?

O homem abriu muito os braços.

- Ah! sim... Há muito tempo. Não tinha ainda nove anos quando curti a maresia do primeiro papelote.

Enquanto falava, fagulhas incandescentes de cigarros que, a espaços caíam no espaço, punham reflexos sangrentos em seu rosto lívido.

Seu olhar ateu, não enxergava nem mesmo o solo negro e somente sentia o imenso horizonte achatado pelos prédios e através do sopro seco do vento de agosto, rajadas largas como sobre um mar, geladas por terem varrido léguas de represas, pântanos, riachos, minas e terras nuas. Nem sombra de árvore pintava o céu; as ruas e avenidas se desenrolavam retas como um quebra-mar em meio à cerração ofuscante das trevas.

Pelas três da madrugada, um homem anda tiritando sob o algodão puído de sua jaqueta, seguira firme próximo ao rim um pequeno embrulho feito com sacola de compras, incomodava-o bastante; ora mantinha apertado debaixo de um braço, ora de outro, para poder assim enfiar a sua ansiedade no fundo dos bolsos. As mãos derretidas pelo açoite do vento fazia sangrar.

Entra por uma passagem estreita que se afundava labirinto adentro. Tudo era escuridão.

Percorrera, a esmo, uma distância aproximada de duzentos passos quando, bruscamente, numa volta

do caminho, pontos luminosos reapareceram próximos dele sem que o homem chegasse a compreender como podiam elevar-se tão alto no céu morto, iguais a luas fumacentas. Mas, ao nível do solo, outra cena o fazia parar. Era uma massa pesada, um amontoado de construções de onde se levantavam as silhuetas das chaminés das fábricas. Raros clarões saíam das janelas sujas, do lado de fora, as velhas vigas de madeira enegrecidas do edifício, alinhando vagamente perfis de formas retangulares gigantescas. E, dessa aparição fantástica, engolfada na noite e na fumaça, um único ruído se elevava: o aspirar grosso, unísono e prolongado de um vapor que não se via.

Só então o homem se deu conta de que aquilo era a Cracolândia sobre os trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana. Em vez de se dirigir para a linha férrea, decidiu contornar o terreno. Aquelas sombras atearam fogo nos montes de lixo para alumiar e aquecer. Outros reviram com os dedos desesperados os entulhos. O vento redobrava de intensidade, um sopro glacial feito de grandes golfadas regulares para enrijecer, como golpes de foice.

Suas vozes se perdiam, rajadas de vento transformam as palavras num lamento melancólico.

- Então, havia de morrer de fissura?

- Que coisa assassina...

Dentro em pouco a linha estaria cheia de viciados, bêbados e mendigos.

- Sim, retruca o homem velho, tudo isso ia terminar mal, Deus não tinha o direito de fechar o expediente e jogar tantos cristãos na desgraça.

As trevas continuam profundas por toda parte, na amplidão sem rumo. Não era um grito de fome que rolava com o vento de agosto, através destes poliedros revestidos de fuligem? As rajadas do vento haviam aumentado e pareciam trazer consigo a monotonia da loucura, que mataria muitos homens. E, com os olhos errando de um ponto a outro, ele se esforçava por furar as sombras, atormentado pelo desejo e pelo medo de ver.

Com o dedo indicador designou no escuro um ponto vago, um lugar ignorado e remoto, povoado por essas pessoas para quem aqueles seres aspiravam nos canos, nos tubos, nos veios, havia mais de meio século.

Sua voz elevava-se como uma espécie de medo religioso, era como se estivesse falando a respeito de um restaurante inacessível, onde se escondia

o deus farto, festeiro e acorrido, a quem todos eles davam a sua própria carne e que nunca tinham visto.

Aquelas criaturas seguem Caio Pego com passos arrastados, de inválidos. Sempre distante da linha do trem, não se mexiam, todos curvados, com os queixos fincados nos joelhos, os grandes olhos mortiços fixados no vácuo. As cusparadas voam, enquanto os seres, cheios de sono, urinam sem vergonha, com a sem-cerimônia tranquila de uma ninhada de cachorros sem dono, criada junta.

Nenhuma alvorada clareava o céu morto, apenas as pequenas brasas e as fogueiras de entulhos ensanguentavam as trevas, sem iluminar o seu mistério. E a cratera, compostura de bicho maligno, respira agora mais grossa e amplamente como que sofrendo com sua dolorosa defumação de carne humana.

Sobre as ruas um calor repugnante, o ar estava tão pesado que os cheiros que emanavam das moradias, lojas e restaurantes, fumaça de óleo, ondas de perfume e muitos outros, pairavam como nevoeiro, sem dispersar. As fumaças dos cigarros permaneciam no mesmo lugar e só sumiam aos poucos. O empurrar das pessoas no aperto incomodava o passeante em vez de distraí-lo. Quanto mais tempo caminhava



mais se apoderava dele o detestável estado que o ar do deserto, como o gás carbônico, pode produzir e que é, ao mesmo tempo, excitação e abatimento. Um suor desagradável rompeu-lhe. Os olhos recusam seus serviços, o peito está oprimido, ele parece febril, o sangue pulsava na cabeça. Fugiu, sobre trilhos, das aglomeradas ruas para os arredores dos pobres. Ali as nauseantes exalações dos bueiros lhe tiram o desejo de respirar.

Sua cabeça ardia, seu corpo estava coberto de um suor pegajoso, sua nuca tremia, uma sede insuportável o atormentava; procurou por qualquer e imediato fresco. Na entrada do estacionamento da rodoviária, comprou uma lata de refrigerante na lanchonete. Tomou lentamente enquanto andava. Uma antiga praça frequentada por andarilhos, ciganos, prostitutas, mendigos, vagabundos e viciados abriu-se à sua frente; reconheceu-a, fora aqui que, há semanas, fizera seu desesperado plano de fuga. Sobre os degraus de uma pequena escada, ao adentrar a praça, deixou-se cair e encostou a cabeça no redondo da pedra. Ali estava sossegado; nascia capim entre as pedras dos bancos de concreto. Latas, bitucas e maços de cigarros amassados estão espalhados ao redor. Entre as casas velhas circundando a



[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[www.rubensshirassujr.blogspot.com.br](http://www.rubensshirassujr.blogspot.com.br)

